

MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA ♦ BARCELOS 1966

CURIOSAS INFORMAÇÕES
SOBRE
USOS E COSTUMES
NAS MARGENS DO CÁVADO
EM 1850

CONTIDAS NUM MANUSCRITO INÉDITO
DE
GASPAR DA COSTA PEREIRA DE VILHENA COUTINHO

SELECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE
CLOTILDE CUNHA LEITÃO

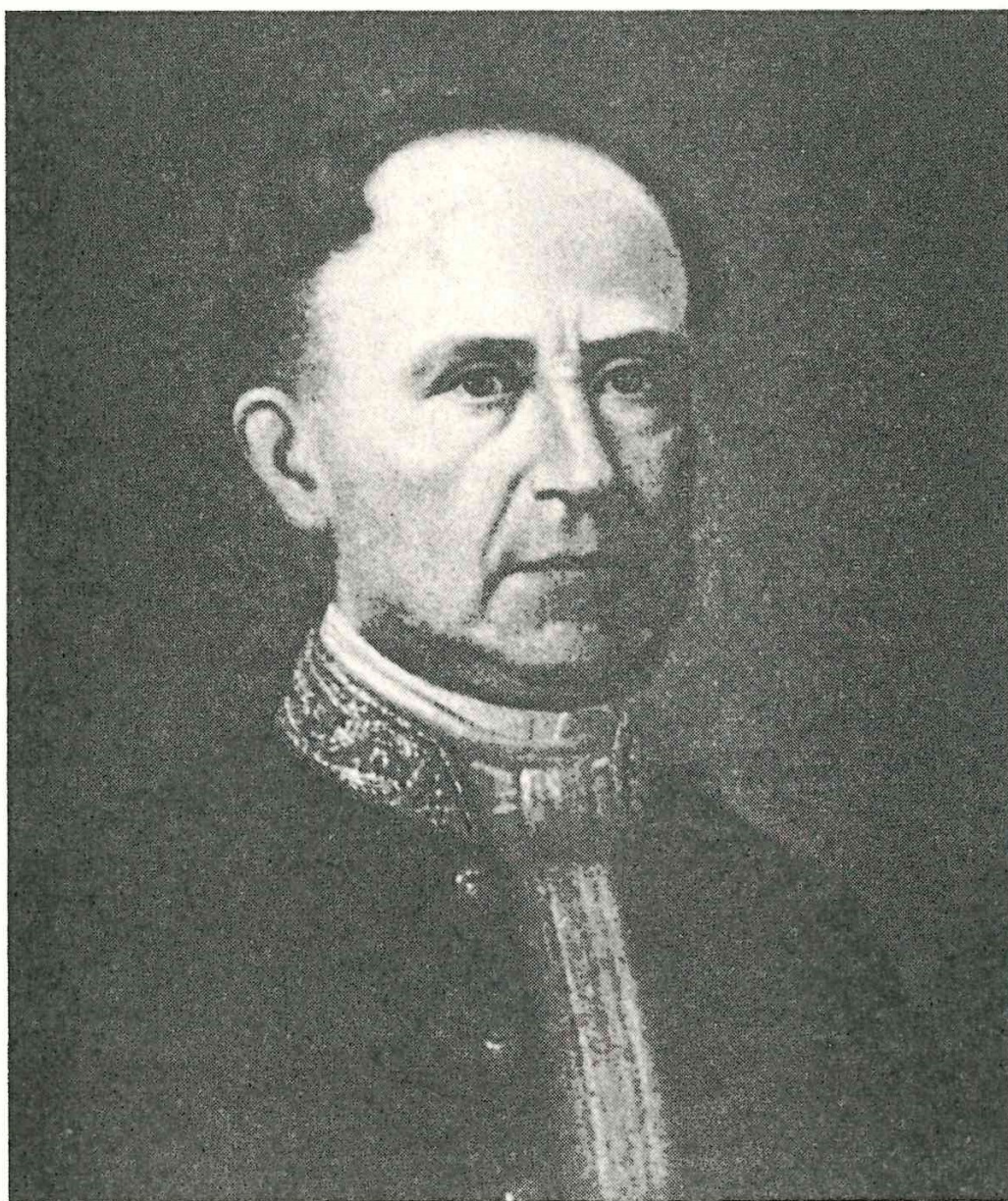


CADERNOS DE ETNOGRAFIA

6

USOS E COSTUMES
NAS MARGENS DO CÁVADO

EM 1850



Retrato do autor do ms., existente na Casa dos Costas, em Braga.
Tem a seguinte legenda:

Gaspar da Costa Pereira de Vilhena, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Presidente da Camara de Braga, Beneficiado Secular na Sé Primaz, 5.º Escrivão Proprietario da Camara Ecclesiastica de Braga na ordem de sua casa, Provedor da Misericordia, Tenente-Coronel da Guarda Nacional no cerco do Porto, Sñ. da Casa da Feitosa em Ponte do Lima, Paço de Palmeira, Capella da Conceição e Casa dos Costas em Braga.

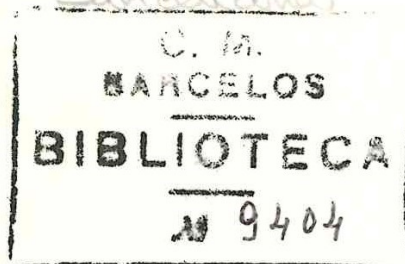
N. 1799 ✕ 1879.

MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA ♦ BARCELOS 1966

CURIOSAS INFORMAÇÕES
SOBRE
USOS E COSTUMES
NAS MARGENS DO CÁVADO
EM 1850

CONTIDAS NUM MANUSCRITO INÉDITO
DE
GASPAR DA COSTA PEREIRA DE VILHENA COUTINHO

SELECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE
CLOTILDE CUNHA LEITÃO



CADERNOS DE ETNOGRAFIA

6

Clichés de CARLOS BASTO (fig. 1) e de E. LAPA CARNEIRO (fig. 6).

Composto e impresso nas OFICINAS GRÁFICAS DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO—BARCELOS. Na composição: FERNANDO LOPES e JOSÉ AUGUSTO DA SILVA. Na paginação: MANUEL FERREIRA e LÁZARO VILAS BOAS. Na impressão: ANTÓNIO MIRANDA PEREIRA, GUALTER DE FREITAS e AGOSTINHO F. MENDES. Na brochura: GUALTER MONTEIRO.

O manuscrito donde extractei as páginas do presente caderno foi há meses adquirido ¹ para a Biblioteca Pública Municipal de Barcelos. Agasalhado numa pobre e funérea encadernação, que repele os afagos com que o bibliófilo genuíno saboreia os livros antes de os abrir, consta de cento e setenta e três folhas escritas dos dois lados, entrando nesta contagem o rosto e o ante-rosto, devidos seguramente a outra pena. É porém no rosto que aparece o nome do autor — Gaspar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, — que assim intitulou a obra: *Alguns dias de viagem ou Um passeio de 2 amigos pelas margens do Cavado*. Em 185a (fl. 3).

Selecionei tão-só os passos que, na minha opinião, fornecem informações capazes de interessar aos etnógrafos, as quais, como é natural, não têm todas o mesmo valor: Se as que dizem respeito ao vestuário, por exemplo, são relativamente ricas, e constituem um subsídio a ter em conta para o estudo dos trajes do Baixo Minho em meados do século passado (outras informações há que, muito embora publicadas, permanecem quase ignoradas, tal o caso das que fornece José Joaquim da Silva Pereira-Caldas, em *Apontamentos Geraes Sobre os mais notaveis objectos que podem attrahir as atenções de SS. MM. FF.*, na sua viagem pelo districto de Braga em 1852, *Braga, 1852*), o mesmo não acontece com as tentativas do autor

¹ Ver *Boletim da Livraria Académica*, n.º 22 (Porto, Novembro de 1965), p. 6, n.º 5363.

para reproduzir a linguagem da região, que são, a meu parecer, desprovidas de interesse. Destaco a linguagem porque se vê do manuscrito que o seu autor contava muito com ela para, nos diálogos com gente das aldeias, transmitir o tom local.

Aqui e ali, chamo o leitor para o rodapé da página, onde lancei algumas notas. Mas não pretendi fazer uma anotação minuciosa. Para o etnógrafo, a quem a obra (bem datada: 1850, com possíveis influências de anteriores recordações do autor), possa prestar informações sobre qualquer assunto, seriam essas notas escusadas, já que eu pouco mais diria além do que anda escrito. Apesar do reduzido número de folhas deste opúsculo, pareceu-me, sim, vantajoso elaborar um índice analítico que tornasse mais fácil a utilização dos elementos contidos nos textos.

Dada a feição do manuscrito de Gaspar Coutinho, quero frisar bem que o meu objectivo é colocar estes elementos ao alcance dos estudiosos, e não preparar uma obrinha amena para alimentar o desfastio das pessoas saudosas dos tempos idos.

Sabem todos os etnógrafos muitíssimo bem que textos da natureza destes não devem ser utilizados sem prévia crítica. Aqui cabe assinalar que Gaspar Coutinho, tendo vivido numa época de transformações sociais e mudanças de costumes, se mostra tocado pela nostalgia do mundo que morria. E não é com certeza despropositado notar também que os seus olhos não viam tudo: julgo que se deixou guiar muito pelas predilecções dos autores clássicos. Talvez assim se compreenda o facto de ele ao atravessar a zona cerâmica de Barcelos, quando se dirige da Furada ao solar dos Azevedos, na Lama, não ter uma só palavra para as olarias, não ter visto sequer uma estada¹ com louça

¹ Uma estada consta de dois paus compridos, horizontais e paralelos um ao outro (varais), fixos a outros espetados verticalmente no solo. Sobre os varais se pousam tábuas com louça a secar. Muitas vezes as estadas são montadas nos caminhos e nos pequenos largos, onde não perturbem o deminuto trânsito. Ver Rocha Peixoto, *As Olarias de Prado*, Caderno de Etnografia n.º 7 (Barcelos, 1966), p. 22.

a secar. (Ou isso indicará antes que ele escreveu muito tempo depois de ter andado por aqui?) Impõe-se o confronto das notícias colhidas no ms. com outras provenientes de fontes diversas—passo fundamental para a crítica de que falo. Melhor do que eu, porém, a farão aqueles que doravante tratarem os assuntos focados por Gaspar Coutinho.

O título que escolhi para esta selecção de textos pretende também dar uma ideia do seu carácter, e por isso me parece justificado o adjectivo «curiosas» que empreguei. Quanto à ortografia conservei a do original, emendando os lapsos da pena, quando eram evidentes.

Disse o que julguei essencial dizer. A fim de que não saia esta introdução «maior na representação que na sustância», termino aqui. Oxalá o meu trabalho venha a ter alguma utilidade!

PRIMEIRA JORNADA

Da Villa de Espozende á Barca do Lago.

COMO no transito, que seguiamos, se não apresentasse á vista objecto algum, digno de notar-se; ou que prendesse particularmente nossa contemplação, Constancio fallava-me da extensão do rio, cuja nascente apenas destaria dos lugares, em que nos achava-mos, 50 a 55 kilometros, em linha recta; percorrendo, comtudo, a sua corrente cêrca de 90 kilometros, pelos rodeios, que a obrigavão a tomar as desencontradas gargantas dos montes, e a tortuosidade das terras baixas dos valles, que vizitava.

Pervenía a minha curiosidade, sobre a variada, e saborosa pesca, de que abundáram as aguas do rio; hoje tão alterada, e diminuida, por diversos motivos, de que prometteu fallar-me em lugar competente.

Entretidos n'estas, e outras particularidades, em que Constancio era completamente versado, chigamos, ao indefinido scintillar das primeiras estrellas, á Barca do Lago: lugar, a que dariam este nome, por se achar, naquelle sitio, estabelecida, a primeira barca de passagem regular, sobre o rio, que a enchente da maré, até ali, repréza, e alarga.

Fomos recebidos, em uma caza de campo, de bella apparencia, por um amigo de Constancio, que nos hospedou com summa delicadeza. (*Fls. 28-29*)

SEGUNDA JORNADA

Da Barca do Lago ás proximidades de Faria.

«**O** que vamos encontrar, é simplesmente uma assude ¹, que atravessa o rio: o que produz uma pequena represa — ou ancôvo, como vulgarmente por aqui se diz — que o rio mançamente vence, como agora, em aguas mortas, as quaes se deburção languidamente na fiada da pesqueira, e se escorrem em fitas de prata.

«Ora, o estrepito *horrisono*, de que indagas a cauza, é o monotonos susurrar das aguas, que se escapão apertadas, nos canaes das rodas dos engenhos de moêr o trigo, senteio, e milhão. Mais simplesmente; são umas azenhas.

Não poderia reconhecer immediatamente, o que o meu amigo acabava de indicar-me, á distancia em que nos achavamos. Apenas conhecia o Douro, e o Tejo; e estes caudalosos rios, pelo menos até onde os tenho percorrido, não se prestão a estes tão uteis engenhos. Os moinhos, de que tinha conhecimento, são colocados em pequenos ribeiros; cuja construção, e directriz das aguas aprêzadas, deve, pelo que vejo, ser inteiramente diversa. (*Fls. 38 v.º-39*)

 O silencio, que até ali, nos tinha seguido, fugia aos alegres cantares das môças da aldêa, que vinhão conduzir as farinhas das moêndas; e ao bulicio, com que se afadigavão os rebustos moleiros, em descarregar os largos saccos, fartos dos dons de Ceres, para dentro das cazinhas das azenhas, as quaes se me afiguravam sustentadas em cima

¹ Ainda hoje, na linguagem popular desta região, «açude» é um substantivo feminino.

de suas duas rodas, que ligeiras se moviãõ; e que, destacando do fundo deste quadro, tão animado, vinhão então offerer-se á nossa vista. (...)

«Se queres — continuou Constancio — vamos vêr mais de perto as moendas.

E fomos.

Derigindo-nos então para o grupo dos aldêões, que em nós já havião attentado, e tinhão tirado da cabeça as carapuças de lãa encarnada¹, metendo-as debaixo do braço, em signal de cortezia = Bons dias, amigos; lhe disse Constancio; podemos entrar na azenha?

Todos os môços e raparigas, com semblante franco, e desacanhado, responderam = Deus lhe dê os mesmos =

E um velho de compridos cabellos brancos, meia calça curta d'estopa, apertada no quadril, colete de pano azul de trespasse, e todo coberto de farinha, camisa de linho desgolada, e aberta até a cintura, mangas arregaçadas — era o dôno d'azenha — adiantando-se, disse:

— Á sua *orde*. Os senhores querem passar p'ra *oitra* banda?

E voltando-se para um mocêcão, acrescentou = Ó *Zé* chega p'raqui o batel, e passa a estes *Fidaurgos* =

— Obrigado, amigo, obrigado. O que queríamos, se dêsse licença, era vêr a sua azenha — acudiu Constancio.

— Minha *non* senhor, — disse o moleiro. A *zenha* é lá do *Tinente*; eu sou cazeiro; mas cazeiro á mais de *qurent'*annos. Se *quiger*, disse elle, olhando para o lado, pode entrar, que lá, *benz'á* Deus, *non* tem contrabando.

Constancio, conhecedor do character de todas estas gentes, compreendeu, pelo modo, porque lhe foi respondido, que o moleiro desconfiava, fossem talvez malsins, os que lhe querião entrar em caza: e então, acrescentou:

— Amigo, nós *não* somos da *justiça*; eu sou quazi seu patrício, moro tambem nas margens deste rio, lá mais para

¹ Os lavradores de Guimarães usavam «por ocasião da poda, sobretudo», «umas carapuças de cor verde debruadas de vermelho». (P.^e Arlindo Ribeiro da Cunha, *Braga na Poesia Popular*, in «O Distrito de Braga», vol. II, fasc. III-IV, Braga, 1964, pp. 199-200.)

Fig. 1 — Açude de Mareces, no Cávado, situado aproximadamente a 1,5 Km SW de Barcelos. Na margem esquerda, vêem-se duas azenhas e uma pesqueira. Chama-se de Mareces «porque as marés vivas chegavam até aí antes da construção dos açudes que ficam a jusante deste» (Teotónio da Fonseca, O Concelho de Barcelos, I, 430).

cima. Este meu amigo, que vem a estas terras pela primeira vez, é que desejava vêr tudo. Mas, se tem receio, não *vai a descomodar*: antes lhe farei vêr as minhas moêndas, quando lá chigarmos. Fique com Deus.

E despunhamo-nos a partir.

O velho, tomando-nos a frente, e abraçando Constancio pelos joelhos, quasi com as lagrimas nos olhos; exclamou = Ó senhor *bossa* senhoria *perdoi*; eu *non* sabia com quem *fallaba*. É porque nós cá estamos affeitos a certas *vigitas*... Eu logo *bi*: *bosse-mencê* tinha cara d'honrado! Era a minha *Trêja* que *m'estaba a çanar*, que eram os do sabão. Aquella *maurdita*! *Non bê*, que estes *homens non trajem boiné*, nem barbas de *chibo*! ora *bá* de feição! entre senhor, entre.

— Com mil vontades, honrado homem. O que não queríamos era cauzar-lhe desgosto.

E o velho moleiro, com o modo o mais rizonho, continuava sempre, = ora entre; entre =

E voltando-se para Constancio, que ia mais a retaguarda, perguntou-lhe, em ár confidencial: = *Aquellóitro* senhor é *Ingrez*? Não falla nada, e é *arruibado* do cabello!

Eu que o ouvia, respondi:

— Não, amigo, sou Portuguez.

Constancio acrescentou;

— E dos bons portuguezes.

— Então, — acudiu o velho moleiro — então é dos nossos...

E piscava os olhos.

De que *nossos* fallava o homem, é o que não endagamos, para não parecer imprudentes.

O velho, com a agilidade de rapaz de vinte e cinco annos, com um dos pés desviava de cima da calçada, que dava entrada para as azenhas, as saccas já vazias; e com outro

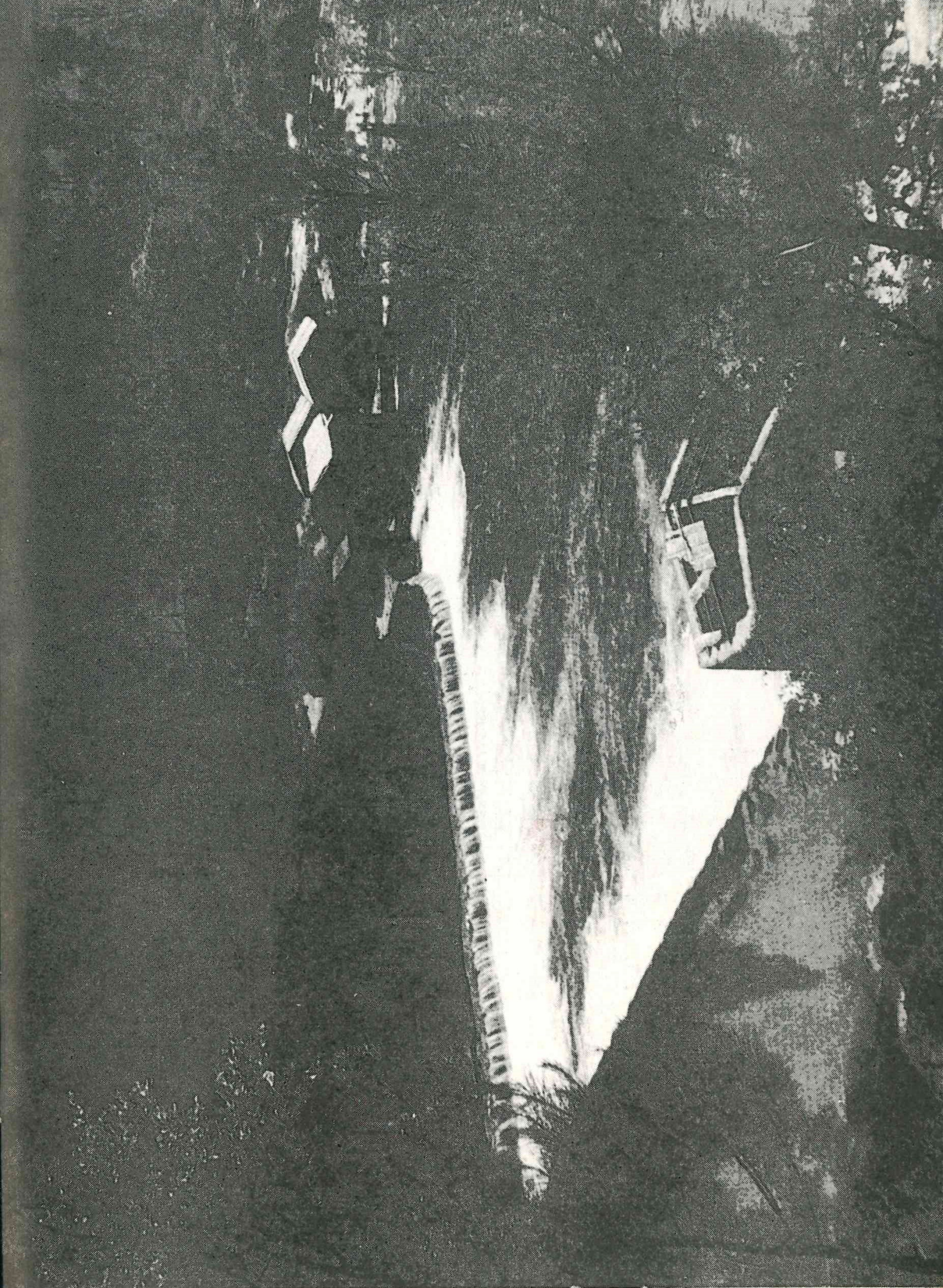


Fig. 2 — Já em diversas oportunidades Sant'Anna Dionísio chamou a atenção para o valor das galerias de retratos dos benfeitores das Misericórdias, apesar de poucas vezes o nível artístico desses retratos atingir a simples mediania. Como documentos iconográficos, porém, não raramente são preciosos. Talvez mesmo, por exemplo, para o etnógrafo especialista de trajes. Não é de supor que a prosápia tenha levado muitos lavradores e lavradeiras abastados a fazerem-se «tirar do natural» a fim de conquistarem a «imortalidade» da tela? — Na Misericórdia de Barcelos existe um retrato de uma lavradeira (de S. Salvador do Campo?), com um cesto no braço, que «parece saída de um romance de Júlio Dinis». Ainda há cerca de vinte anos ele se encontrava à vista. O que, por gentil deferência, vai aqui reproduzido pertence à mesma galeria. Diz a sua legenda: «Maria Jozefa de Pontes da /Caza da Orde, vemfeitora/ desta Santa Caza/ em 1825». Cliché obtido em Julho de 1966.



enchotava os cães, que vinhão farejar os estranhos; e bradava para os criados, que estavam á porta d'azinha: = Ó rapaz, arreda lá: olhai, que não sujeis os senhores, *Trêja* =

Eu, que estava ancioso de entabolar a conversação, disse para o velho:

— É sua filha?

O velho respondeu, cortejando-me;

— Quem? A rapariga? Saberá *bossa* senhoria, que a Mai assim o diz. É cazada, e já tem um pár de marmanjos.

«Ó *Trêja*, *prégunta* a este senhor como está.

A muleira, adiantando-se um pouco, com modo afavel, disse: = *beija man de bossas-mencês* =

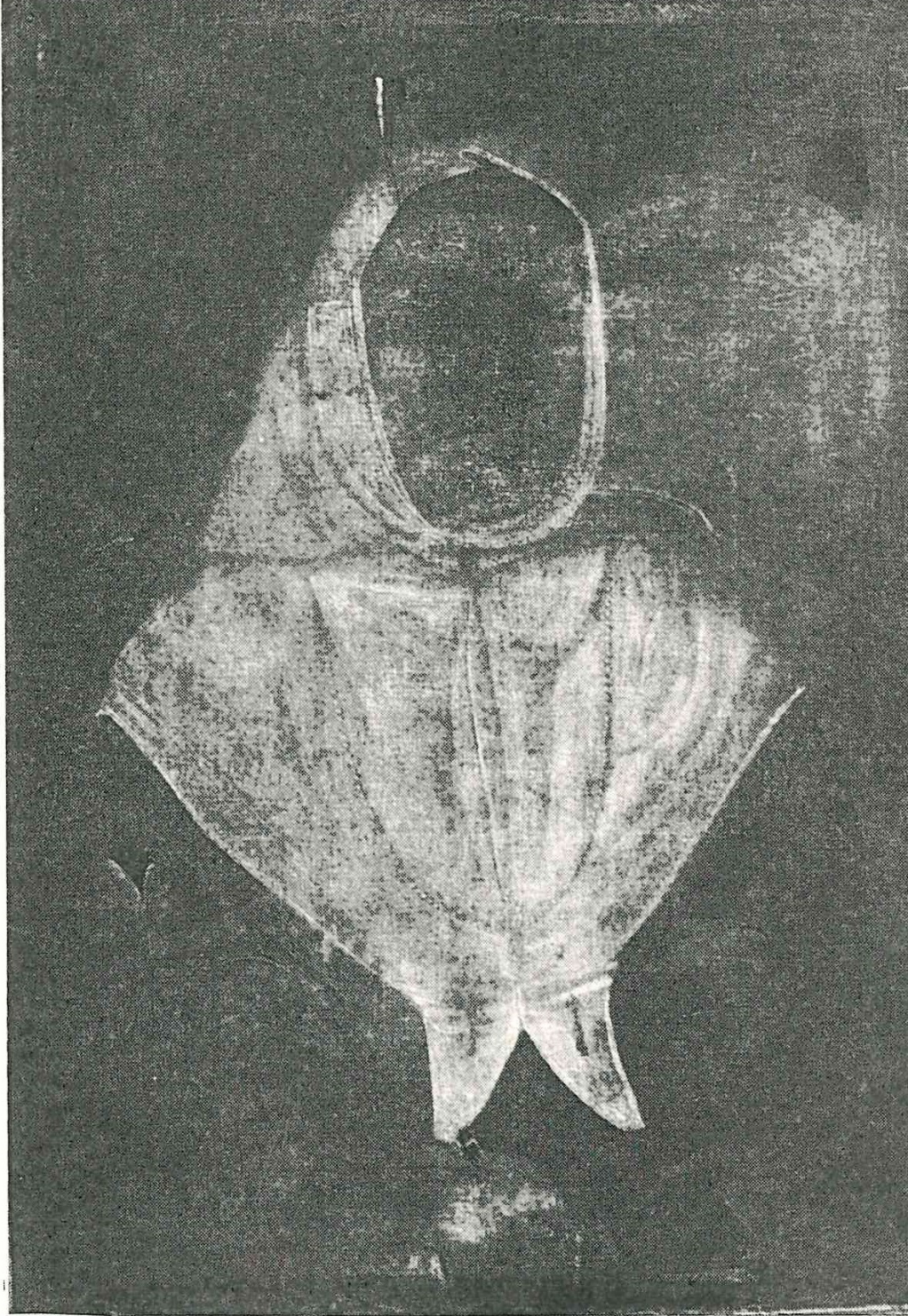
— *Bossas* senhorias, bruta: replicou o pai:

«Hão de *prédoar*, qu'isto é uma *saurbaje*; nunca *biu* gente!

Nós saudamos a filha do moleiro, que tão bizarramente fizera a sua apresentação; e festejamos um gôrdo rapaz de cinco a seis annos, que, em fralda de camiza, se lhe agarrava á saia de fólhos branca; e que ella nos disse, ser o seu filho mais velho; ao qual, limpando a rechonchuda cara, mandou, nos bejasse a mão.

Continuando a nossa conversação com o moleiro, prossegui:

— O arrendamento d'azinha deixa lucros suficientes, para o sustento de toda a sua familia?



— É *cons'ante* : — disse o moleiro — uns annos mais, *oitros* menos. Mas os *cebados*, qu'aqui criamos, sempre deixão. O patrão é honrado, *non* desfazendo na pessoa, fas gosto *serbil-o*.

« Eu *por qui* me cazei: ali *naceram* os filhos, a mais os netos, naquellas cazas, acôlá defronte; que é onde *gardamos* os *utencis* das *zenhas*, nas grandes cheias: e nesse *entrementes*,

temos os moínhos do ribeiro, que *tamem* são da caza, *p'r'acudir* ós freguezes: e *bamos bibendo*: em boa o digamos.

— Isso faz o elogio do senhorio; e do cazeiro: disse eu —

— Olhe cá: *non* é por me gabar: mas *beja bossa* senhoria o aparelho: são as *zenhas* mais bem arreadas, como se quer! continuou o velho.

«Ó Turra, puja esta rôda, senão *non* se pode parar lá dentro, com o pó da farinha.

«Entre *bossa* senhoria, e *inzemine*; *qu'aquell'oitro* senhor, *polo* que *bejo*, tem já uzo da coiza, e *antão non* tem *crugidade*.

«Ora, aqui tem um par de rodas de trigo, que cortão, que nem dentes de rato. Boas caixas; bons panaes: as adeilhas levão a *qatro* razas. Pois a roda de fora! *puxa* ás direitas! anda ahi certa n'esse canal, que *non* perde gôta. As entrózas conta cincoenta e dois á dentadura. Se *qijer decemos* ao cabouco, *qu'é qui* por debaixo do termonhado; e hade *bêr* um carrinho, que tem um *beio*, com'o braço d'um *home*.

— Obrigado: — respondi — faço ideia.

— Esqueciame — continuou o velho — olhe, este pau *ó pé* das pedras da mó, com estas cunhas, é o reiro, qu'é para *alebantar* a andadeira, *cons'ante* se quer a farinha mais côada.

«Aqui *non* falta nada.

— Na verdade — disse eu — é um bom engenho.

— Engenho, sim senhor, — acudiu o moleiro — *é li* no canal do meio da *pisqueira*; e caça bem peixe. Mas isso é lá coiza do Tinente, qu'é muito *attentado* do rio. (...)

E acompanhado do bom do velho, que ainda continuava, em suas explicações, fui juntar-me a Constancio.

Este disse então para o moleiro

— O meu nome é Constancio de *** moro na freguezia de *** junto deste rio, como já lhe disse: se a minha boa vontade lhe for prestadia, conte comigo.

— *Mercêas*, senhor, respondeu o velho — *mercêas*; *non* faltará *incazião*.

— Eu acrescentei — sou de longe, amigo, e por tanto, é muito natural, que para nada de mim percize; pouco lhe pode importar saber o meu nome. Mas queria dever-lhe o favor de me dizer o seu.

— Ó senhor — disse o moleiro — o meu *non bale* um troilho. Eu chamo-me por *alcunha* o Tio Picado; e por este

sou conhecido, por esse rio *arriba*. Na pia *prantaram-me* Bento: mas olhe cá, por este só me conhece os da Decima, e o nosso *Rebrendo* Abbade, *quando* imos á desobriga: mas com ambos estou ás suas, como um seu criado. E com isto, adeus, *inté* á primeira.

— Adeus senhor Bento.

E cortejando a todos os que por ali se achavão, e recebendo em trôco a costumada saudação = Salve-os Deus = fomos seguindo caminho; e na volta de uns penêdos, que surgião da flor d'agua, desaparecemos ás vistas d'aquelles curiosos espectadores. (*Fls. 39 v.^o-45 v.^o*)

 Acôlá, na margem opposta do rio, mais alem, mudava inteiramente a scêna.

Extensos campos, circundados simetricamente d'altos castanheiros, donde pendião as resteas de videiras, carregadas de cachos das roxas úvas, que afadigados vindimadores se apresoravam colher, terpendo as altas escadas de mão, arrimadas em redor das ellevadas arvores, que elles devassavam até o cume:

E as esbeltas môças d'aldêa, conduzindo para os balseiros os cêstos, acugulados de cachos; entoando suas alegres cantilênas, que lá de longe chigavão a nossos ouvidos; e tão armoniosas, e tão concertantes, que se diriam coros d'anjos, ellevando hymnos ao Creador, pela abundancia das colheitas:

E os pequenos cazaes, branquejando ainda mais longe, na encosta dos pequenos outeiros, que encaixilhavão este tão animado painel. (*Fls. 49-49 v.^o*)

 «Ora pois, não te enfades comigo, que tenho estudado — com mais prevenção talvez — o estado actual da nossa sociedade, e seus costumes: e premitte-me, te afirme, que a todas as classes tem descido a vertigem da época; a que os regeneradores do genero humano — alheio a elles, ja se sabe — chamaram = *civilisação* = mas *civilisação* a seu modo e imagem.

«As gentes de nossos campos tambem ja se vão *civilisando*: já não são os pastores dos tempos do teu predilecto Francisco Rodrigues Lobo: ja fallão *politica*; ja intrigão para Regedores de Parochia, e calculão, e agenceião sobre eleições de Deputa-

dos: já trazem punhal, e clavina, em lugar da antiga aguilhada; e dizem heide matar — e matão — em vez de prometer quatro *lombadas*, como outr'ora dizião!

«Em fim os uzos e costumes tem mudado; e já se não contentão só, com as suas danças, e cantares de outras éras.

«Ora já vês que = por cá, como por lá, mas fadas há = e que prezenemente, nos campos, se achão sementados os vícios da cidade; e ainda debaixo de peor aspecto; porque lhes falta toda a instrucção, ainda a mais tervial; de que ninguém cura, por que assim lhe faz conta, para seus fins para a desmoralização: para esta, basta que o povo aprenda, o como se abuza da liberdade; ou por outra, pratique os vícios d'esta, e não se faz necessario, que saiba, e conheça, e se lhe incine as suas virtudes; os direitos, e os deveres do homem; o que o constitue virtuoso, ou o que o torna depravado, e por consequencia despresivel; ou melhor a instrucção popular; o desprêzo da qual tantos males, tantos crimes acarreta á Sociedade; maiormente agora, que...

— Interrompi Constancio — Falla-me antes das virtudes dessa gente, mananciaes dos prazeres, tão naturaes ao seu character, do que dos vícios, que homens immoraes pertendem inocular-lhes. Deixa-me um pouco em minhas illuzões: que apezar de tudo, estou convencido, que se a virtude ainda, na terra, tem altares, não será no meio das cidades, que os poderemos encontrar ¹.

— Nem serei eu que o negue — redarguiu Constancio — antes devemos conffessar, que na generalidade, se encontram ainda ali os restos da bõa moral: e apezar de tudo, o que os innovadores fingidos têm forcejado, ainda não conseguiram arrancar-lhes a vergonha das más acções, e a Religião; ancora, a que se amarra confiadamente o nosso povo do campo. Com tudo, a corrupção vai fazendo proselitos, entre estas gentes doceis, e de character bondoso, e soffredor; respeitosas ainda para com aquelles q̃. julgão de conhecimentos — ou impostura — mais superiores. Todavia, o muito que tem sido ludibriados, e esquecidos, e só lembrados, para lhes extorquirem quasi tudo, o que alcanção, com o seu

¹ Ideia típica de marialva.

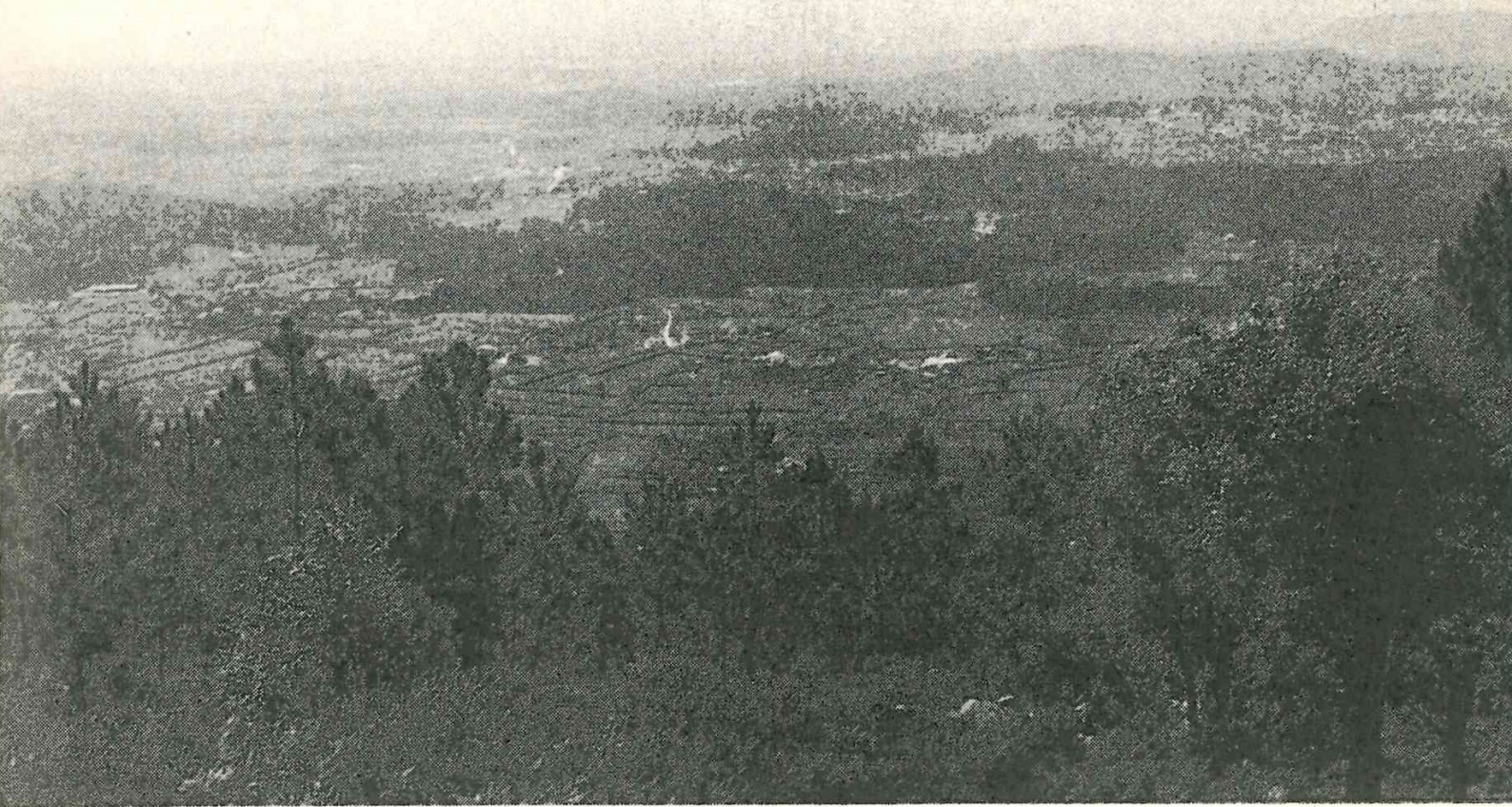


Fig. 3 — Bacia inferior do Cávado, observada do alto da Franqueira. O rio vem da direita, contorna pelo sul o monte de Arnelas (a mais alongada das elevações visíveis na 'gravura), e lança-se no mar a ocidente da serra de Faro, que, ao fundo, arremeda um promontório. Apesar da largueza das terras baixas, apenas se mostra uma nesga do rio (o pequeno traço branco que parece mesmo situado na falda do monte de Arnelas). Nesta vasta superfície de terrenos de cultivo, cortada por largas e escuras manchas de pinhais, encontram-se várias freguesias dos concelhos de Barcelos e de Esposende. Uma leve neblina esconde o oceano, notando-se porém a linha da costa. Julho de 1966.

suor, e com suas aturadas fadigas, tem-nos tornado desconfiados; pensando sempre, em um outro futuro, do que naquelle, que julgão lhes pode perparar a presente ordem de coizas.

«E como os poderemos censurar, se de tudo o que se diz ter-se feito em seu favor, tem resultado um effeito negativo de melhoras; porque se tem olhado as coizas pelo lado da destruição, e não da reforma?!

«Que vantagens elles, e d'elles poderia colher o Estado, se os Governos cuidassem de favorecer o lavrador, e o seu trabalho, tão util, e productivo, baze fundamental de toda a riqueza, e lhes proporcionassem os meios, e as escolas pra-

ticas de melhorar a agricultura; que por estes nossos sitios, nada tem adiantado; e tudo continua nas dificuldades da antiga rotina; sem methodos adequados; sem machinas, que aperfeiçoariam, e suavisariam os trabalhos, e melhorariam as produções!!

«O que vale ao lavrador, é ser este nosso terreno, de uma fecundidade espantosa; e com uma cultura bem superficial, produz todo o genero de cereaes; excellentes fructas de espinho, caroço, e pevide; saborosissimas ortalices de variadas qualidades; e todas as demais especies, que respeitam a horticultura: uma abundancia prodigiosa de diversas qualidades d'uvas, de que se alcançaria muito melhor vinho, se os cultivadores tivessem os necessarios conhecimentos, para o seu amanho, e factura.

«Em fim, as margens do nosso Cavado, e em geral as terras de toda esta Provincia, são aptas, para a cultura, e produção de todos os fructos, que não demandão uma qualidade terrea, ou uma temperatura atmospherica muito particulares, e especiaes.

«E tanta riqueza, de que se poderião tirar vantagens incalculaveis, é desprezada por quem d'ella mais se haveria de aproveitar! (*Fls. 52-54 v.º*)

☞ Se continuares a ser docil, ainda, no decurso de nossa viagem, te fallarei d'outros uzos, e costumes d'outros tempos, e dos que vão agora adquirindo as nossas aldeias; de seus trajes d'então, e dos presentes; da diversidade, que apresentam as suas danças, os seus cantares, com os que estão em moda. (*Fl. 55 v.º*)

☞ Contemplando todas as belezas de tão variado painel, desviamo-nos um pouco das margens do rio, e fomos atravessando, por um estreito carreiro, que pelo meio da planície, nos conduzia ao fim das veigas; n'essa occasião povoadas, de immensa gente do campo, occupada ou na ceifa do maíz, ou nas vendimas; por ser este o tempo do serviço mais activo das colheitas.

O vestuario dos homens, occupados n'estes trabalhos ruraes, consistia unicamente, em uma camiza de linho, arregaçadas as mangas, até ao cotovêlo; calças brancas,

apertadas na cintura, com as corréas, que lhe devião servir de suspensorios, mas que tinham assim apropriado melhor, para ficarem mais desembaraçados; chapéus de palha; pés descalços.

As mulheres trajavão apenas saias brancas de linho grôso; avental apertado na cintura com ligas de lã escarlate; coletinhos d'estôpa fina; decote da camiza cruzado sobre o peito, e as mangas apertadas nos pulsos; chapéus de palha, mais inclinados sobre o rosto, para que os raios do sól as não crestassem demasiadamente.

Todos estes bandos, apesar de tão cuidadosos do seu trabalho, e entertidos em suas cantilenas, e chistosos ditos, não deixavão de saudarnos, quando junto d'elles passavamos, com o seu costumado = salve-os Deus = e nós cortejando-os, agradecíamos aos alegres ranchos, que de tão bom ânimo nos recebião, e continuavam depois em suas fadigas, e em seus cantares. (*Fls. 56 v.^o-57 v.^o*)



O criado conduzianos atravez os campos; e chigando a uma parede baixa, disse-nos = Queirão saltar este portêllo, que estão já dentro do eido do senhor Gonçalves =

Saltamos com effeito para um campo, circundado de baixas paredes; e logo me disse Constancio: reconheço perfeitamente os sitios. Vais vêr, Alberto, o typo verdadeiro dos cazaes de nossos lavradores. E chamamos lavradores áquelles, que vivem do producto de suas terras, e n'ellas trabalham. Os outros habitantes de nossas aldeias são conhecidos, por defferentes nomenclaturas.

«Aos que vivem de terras arrendadas, chamão-lhes cazeiros, e nada mais: ainda que muitas vezes, tem maiores lucros, do que os lavradores propriamente ditos, os quaes muitas vezes pagão exorbitantes pensões de terrenos emprazados, e de que só tem o dominio util; segundo a fraze da lei — e destes prazos, ou terrenos aforados, é do que abunda muito toda esta provincia —

«Aos que vivem apenas em uma caza terrea, com uma pequena horta, denominão-nos, trabalhadores; porque se sustentão do salario, ganhado no serviço dos lavradores, e dos cazeiros.

«Os que vivem dos rendimentos de suas propriedades, porem não trabalham n'ellas, são de ordinario intitulados morgados; ainda que não possuão uma braça de terra, que vinculada seja ¹.

«O cazal, onde entramos, é o de um verdadeiro lavrador. Consta, como vês, de um campo fichado, a que chamão o seu *Eido*; que cultivão o mais especial, que podem, e onde tem o pomar, a horta, o melancial, a melhor qualidade d'uvas, e outras muitas especies, aque elles chamão = coriozidades =

«Segue-se-lhe a eira, onde *colhem* os fructos: e ao lado a caza, ordinariamente composta de escada de pedra, que conduz a uma varanda, e esta dá commonicação para dous pequenos quartos nos tôpos, e para duas saletas, na frente. Nos baixos das mesmas cazas, ficão a cozinha, e adéga: e ao lado as córtes dos gados, seu principal thezouro, e capricho.

«Por detraz das cazas há o *quinteiro*, que de ordinario é um pequeno espaço de terreno, coberto de latada; no fim de elle, fica o portal, que se não abre, se não para dar entrada aos carros de serviço, aos bois, quando sahem, ou recolhem do pasto; ou para as solemnes occurrencias da familia: todo o serviço ordinario é feito, por uma cancella, que fica, quasi sempre, ao lado do *quinteiro*.

«São pouco affeioados os nossos aldeões, ao aceio da caza ²; porem, em tudo o mais, são cuidadosamente limpos.

«Em fim, vais vêr, como te disse, o modello, do que acabo de referir-te.

Atravessamos, com effeito, o pomar, rodeamos a horta, e a poucos passos avistamos um velho, no meio da eira, voltado para o portal, tendo, n'aquelle momento, deixado de

¹ Sobre as classes da população agrícola, ver Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, vol. I (Barcelos, 1948), pp. 19-20.

² A este respeito, assim como a respeito da frequência com que os lavradores do Minho pleiteiam pela posse das águas de rega (facto referido no último extracto da 6.^a Jornada), leia-se, de Manuel Mendes, *O Culto da Água*, capítulo do livro *Roteiro Sentimental. A Sul do Tejo* (Lisboa, 1965), pp. 133-142.



Fig. 4 — Aspecto da feira de Barcelos nos começos deste século. Sector da cestaria e dos varapaus (note-se o suporte em que estes eram exibidos). Postal editado pelo Centro de Novidades (em 1909?).

olhar para o lado da cancella: era o Gonçalves, inquieto, e contente, não sabia, por onde devesse esperar os bemvindos hospedes.

Trajava elle o seu vestido domingueiro: véstia comprida de briche, com abas até á frente, partidas em quatro partes iguaes, á uzansa antiga dos lavradores; calção de riço prêto; meias de linha, e por calçado os sóccos, ou *tamancos*, tão classicos do Minho: branca camiza de linho deixava vêr, entre o dezabotado dos colarinhos, um herculeo, e tostado peito, povoado de compridos cabellos brancos: cubria-lhe a cabeça um chapéu grôso d'abas largas, que assombrava um rosto alegre, redondo, corado, em que se podiam facilmente decifrar, sem ser um Gall, nem Lavater, as bellas qualidades do homem honrado, franco, e leal.

Apenas ouviu o ranger da cancella, por onde entravamos, que dar uma volta, tirar o chapéu, e correr para nós, foi obra

de um momento; e com presteza tal, que veio quasi cahir aos joelhos de Constancio, que abraçou com fernesí.

Constancio, levantando-o da postura, em que elle queria permanecer, o estreitou, em seus braços, chamando-lhe repetidas vezes = meu bom Gonçalves, meu bom amigo = (Fls. 61 v.^o-64)

 — *Merceias*, senhor, *merceias*: lá grande *amistade* é. Se *tamem* nos quer fazer o *fabor*, *bamos* a á *subir*

«Mas *bossas* senhorias hão de beber uma pinga, em antes.

«Ó Luiza, *traje* a anfuza grande; anda môça.

No mesmo instante, e como se tudo, se achara já prevenido — tal é o uzo, em todas as cazas de lavrador, que sabem a cortezia — se nos apresentou uma môcetôna, tão esbelta, e fresca como a papoula ao desabrochar. O rosto entre o claro e trigueiro, afogueadas as faces, pela vergonha, de vir apresentar os seus vinte annos, diante de pessoas para ella desconhecidas, recebia um realce encantador, do sorrizo innocente de uma rozada bôcca, guarneçada de duas fiadas de pequenos, mas igualissimos dentes, tão brancos, e esmaltados como o jaspe polido. Olhos pretos, e rasgados scintillavão, como dous carbunclos. O cabello castanho escuro, apartado sobre a testa, á nazareth, era sustentado no alto da cabeça, por um pente de còta, que lhe prendia a larga trança, em castanhola. Um fio de contas d'ouro aderçava-lhe o roliço pescoço; encubriendo-lhe um pouco o bem formado talhe, a capucha de tres pontas, de panno escarlata, indispensavel em todas as occaziões, de se apresentar em publico uma chistosa môça d'aldeia. As mangas de uma camiza de linho, alvo como a neve, arregaçadas até ao cotovêlo, deixavão gozar um braço torneado, mas em que se conhecia a força e vigor da idade. A saia de chita amarella, com raminhos verdes e côr de roza, não encubria bem os folhos da branca anagoa ¹, que descendo apenas até um terço acima do tornozêlo, deixava adivinhar o pyramidal das columnas, que se bazeavão sobre um pequeno, e refranqueado pé, calçado a custo, na

¹ Solteiras e casadas usavam, na verdade, várias anáguas («náguas», diz-se por aqui), e o número destas indicava riqueza e gosto.

bregeira e decotada chinella raza, meio forrada de pelica branca ¹.

Trazia na mão direita o grande côpo de vidro, bôcca de sino; e na esquerda, quasi encoberta com o avental de *sereguilha* bordada, uma bojuda enfuza vidrada de verde. Ao aproximar-se de nós, enchendo o côpo = boas tardes, senhores, = disse ella; e offereceu o vinho a Constancio. Este aceitando o copo = adeus, minha Luiza; lhe disse elle; estás uma linda môça! Quanto folgo de vêr-te tão parecida com a tua bôa Mai. Dize-me, como está ella?

— *Obrigado*, senhor: = respondeu a rapariga, quasi a tremer de envergonhada = anda bôa, *loibado Deus*.

— Ó rapariga, falla — atalhou o velho — *num* t'atantes: olha qu'ê o nosso grande amigo, é o Senhor Constancio, em que fallo muita *bez*, com teu Tio Padre!

Luiza sorria-se, e tapava a meio o rosto, com o avental: no intanto Constancio, voltando-se para mim, continuou

— Façamos a libação de entrada, meu caro: é como saudação aos Penates; e por isso beberemos todos pelo mesmo vazo.

E tocando o copo nos labios, entregou-m'o: eu fiz a mesma cerimonia, e o passei ao velho Gonçalves; que dirigindo-se a nós ambos, exclamou com jubilo = ora lá *bai* ás suas = e assoprando á espuma do vinho, o vazou d'um trago.

Satisfeita esta etiqueta de recepção, segundo os costumes destas terras; subimos para a baranda da caza, acompanhados do velho; que partiu logo a examinar, em que *terminos* ia a ceia, como elle dizia, visto que era já sol posto; e elle não conhecer ainda os uzos, que os estrangeiros tinham de novo introduzido em tudo. (*Fls. 65-67*)



...apareceu o velho, já em mangas de camiza, com o barrete de meia preta na mão, gritando já lá de dentro = Ó senhores, *benhão*, qu'arrefece o comer =

Entramos para a saleta, em que nos esperava o jantar; a qual era cercada de grandes caixas de castanho, que servião

¹ «Vê, como a guapa Luiza veste á moda! Se visses a Mãe, conhecerias, qual era o trajar das antigas lavradoras» — observa adiante (fl. 67 v.º) um dos companheiros do passeio.

de guardar os cereaes, e outras preciosidades da caza. Das paredes mal caiadas, pendião dous paineis, tão defumados, que apenas se podia conhecer, que em um delles havia a imagem d'algum sancto de veneração da familia, porque, no caixilho carcomido, se vião espetadas algũas flores, ja murchas, e um roاريو pendurado: o outro painel representava de certo algum cavalleiro antigo; porque ainda se lhe devizava o avermelhado d'uma fita da ordem de Christo. Os frizos do tecto pintado, n'outro tempo, d'algua côr, que hoje não poderia definir-se, achavão-se guarnecidos, com peras, e maçãas, que exalavão soave arôma. A um lado estava a meza, encostada ao vão da parede, e coberta com alvíssima toalha de linho de cordãozinho; sobre aqual se achava colocado um grande, e antigo candieiro de latão amarello, com tres bicos, todos accesos; por ser quasi noite, e a pequena janella da saleta, cercada de vides, não consentir a passagem da ultima claridade do dia. Todo o resto do serviço da mêza, bem se via, pela regularidade, ser disposto pelo inteligente Teixeira.

Havia, sobre a meza, dous unicos talheres; e junto d'ella um banco comprido, para nos sentarmos... (*Fls. 67 v.º-68 v.º*)

— E tens agora muita familia? perguntou Constancio [a Gonçalves] —

— A do costume: Manoel, qu'è criado da *laboira*: a rapariga da *herba*; e o rapas dos bois; guarde-os *Sant'Antone*: inda é *co'farte*. Quando há mais *serbiço*, chama-se gente de fora. (*Fl. 71*)

«Ó Luiza, bai dar de cear aos *bendimadores*¹; qu'eu *num* saio daqui. O Teixeira, se o Senhor Constancio dá licença, que *bá* comer algũa coiza: o *probe* tem hoje tido muita *freima*.

A este tempo bateram de manço á porta; e o velho disse = eu *bou* abrir. Hade ser meu cunhado *Antone*, que lhe mandei dezer, que *estaba* cá o Senhor Constancio, e qu'aparecesse, para *conbersarmos*. Elle está gora muito parauta, qu'è regedor da freguezia =

¹ De tarde tinha-lhes sido servida a *merenda* (fl. 60).



Fig. 5 — Outro aspecto da feira de Barcelos, nos princípios do século. É o sector da louça. Esta gravura e a anterior servem também de documentos quanto aos trajes da época. Postal editado pelo Centro de Novidades (em 1909?).

Abriu a porta e continuou:

— É elle, sim senhores. Ora entre cunhado; olhe, aqui está o Senhor Constancio, a mais o Primo; qu'ê o filho da Senhora Dona Eulalia: mas *bocê num* conhece, que *num* é do seu tempo.

Entrou com effeito um sujeito, que representava quarenta, a quarenta e cinco annos: alto; trigueiro; maçãs do rosto salientes; olhos vivos, nariz grosso; bocca com rizo affectado; cabello preto á gaforini; suissas raras, passando por baixo da barba.

Trajava calça de panno azul; cazaco comprido da mesma fazenda; colete de duraque preto, com raminhos vermelhos; lenço de seda ao pescoço atado com grandes pontas sobre o peito da camiza de paninho bordado; butins de couro; chapéu fino na mão direita; e um guarda-sol — ou

antes deríamos, guarda lua que era já noite — debaixo do braço esquerdo.

— Ora viva, meus senhores, — disse elle ao entrar — que lhe faça *vom porveito*. (Fls. 74-75)

 O alheio chora por seu dono. (Fl. 79 v.º)

 O quarto, onde ficamos, era um verdadeiro quarto de padre de aldeia. As paredes, caiadas de branco, tinham cintas e os alizares da porta, e da janella pintadas de azarção, com salpicos amarellos: havião nellas pendurados uns pequenos caixilhos com as imagens de Nossa Senhora, e Sancto Antonio, e outras estampas de varios Sanctos, pregadas com obreias na parede. Adornavão este apozeno uma antiga papelreira, e uma meza de castanho; uma cadeira de braços, com um delles quebrado; uma caixa; um cabide, onde estava pendurada a chomarra, e um chapéu tricorneo. Sobre a papelreira havia um oratorio com os vidros estalados, e dentro d'elle um crucifixo de madeira, um sam José de barro; muitos registos de Sanctos; flores velhas de papel de cores; um agnus=Dei; uma campainha dos torvões, e umas contas de Jeruzalem, penduradas no braço da cruz: e dos lados duas vellas de cera, sujas das moscas, em castiçais de lata, pintados de verde. Sobre a meza uma pequena estante de carunchoso pinho, com as obras do Larraga, e outros moralistas; uns tomos troncados dos Sermões do Padre Vieira; um concílio Terdentino; e os breviarios da reza: havia tambem um tinteiro de chumbo, e uns papeis com themas de sermões, espalhados na meza.

O leito de pau preto, com entalha esquisita, tendo pendurado na cabeceira um Sancto Christo de latão; uma enfuza e alguidar de barro¹, por lavatorio, completavão

¹ Também Camilo, em *O Comendador* (*Novelas do Minho*, I), nos mostra um abade a lavar «a cara no alguidar vermelho que a raparigaça lhe chegava». Há porém diferenças entre os alguidares e as peças usadas nos lavatórios: estas são mais pequenas, apresentam uma decoração desenhada com barro de cor diferente do do fundo, e o seu rebordo é ondeado. Em certas aldeias de Barcelos a uma tal bacia de lavatório chama-se *almofia* ou *confeiteira*, eliminando-se assim as possibilidades de confusão com o alguidar.

a mobília do quarto. A cama, que o velho tinha mandado apromptar era de bancos e cabeceira de pau de pinho, mas tão lavados os lizos lençãos de linho, com entremeios abertos, e tão novos os cobertores de pápa, e as cobertas de felpa branca, que desafiavam a ir descansar n'ellas as fadigas do dia. A bôa Luiza tinha enfeitado as cabeceiras das camas, com raminhos de serpão, e arruda para afungentar os maus ares, e os feitiços.

Logo que ficamos sós, fis algũas reflexões, sobre os uzos e costumes das gentes destes campos: e Constancio notou-me a defferença que se encontrava nos trajes, modas, e lingoagem d'agora; de que eram exemplos vivos Gonçalves, e seu cunhado Rodrigues: observando-me, que havíamos, de encontrar ainda, modellos mais característicos. (Fls. 81 v.º-83 v.º)

O segundo nome indica uma outra aplicação, que não é a última, pois no Baixo Minho também a almofia é utilizada para levar comida para a mesa (Alberto Vieira Braga, *O homem da lavoura, o gado e a terra*, in «Guia de Portugal», 4.º vol., Lisboa, 1965, p. 1108). Um oleiro em vez de dizer que o rebordo é ondeado, dirá que as confeiteiras são «arrendilhadas ou de borda redonda». Além disso, acrescentará a seguinte diferença entre alguidares e confeiteiras: os primeiros têm apenas um *vivo* (sulco inciso em forma de circunferência, cujo centro fica no eixo da peça), e as segundas têm dois *vivos* por dentro (perto do rebordo) e um na borda (por fora). As *sopeiras* são peças semelhantes às confeiteiras, mas com *asas*.

TERCEIRA JORNADA

Digressão ao monte da Franqueira.

EM um momento nos apromptamos: e quando saímos para a saleta, encontramos, sobre a mêza, duas grandes *malgas*, cheias d'agua d'unto = que fazia percizo beber; dizia o velho Gonçalves; para ajudar a cortar o orvalho da manhã, que era mais fino na costa do monte.

Foi indispensavel conformar com a egiene do experiente Gonçalves: feito o que, descemos; e encontramos no fundo das escadas, o homem, que devia guiarnos; segundo tinha requisitado Constancio: e as cavalgaduras, em que, o velho teimava obstinadamente, havia-mos montar, e que pacifica, e socegradamente nos esperavão.

Não posso eximir-me da descripção das duas locomotoras vivas; não só porque vem consignadas, em nossos apontamentos de viagem, mas porque tambem apresentam o contraste, entre o antigo, e o moderno.

A egua do Gonçalves estava aparelhada de grande albardão, com enxerga, e retranca; e servindo de xabraque, uma farta pele de cabra: silha mestra, e cabeçada de couro crú, com *bocado* de ferro, preto pela vestustuosidade da ferrugem: estribos de rodella do mesmo metal e côr.

A mula do senhor Regedor — que outra não tinha elle consentido se pedisse — era arreada, pelo gosto do dño. Selote de meio arção de couro branco, com coldres, e xairel de pelle de rapoza: estribos de pau; rabicho de couro preto: freio de capeladas, com privilegio de dobradices¹: borla verde, no meio da testeira.

¹ Ou *dobradins*?

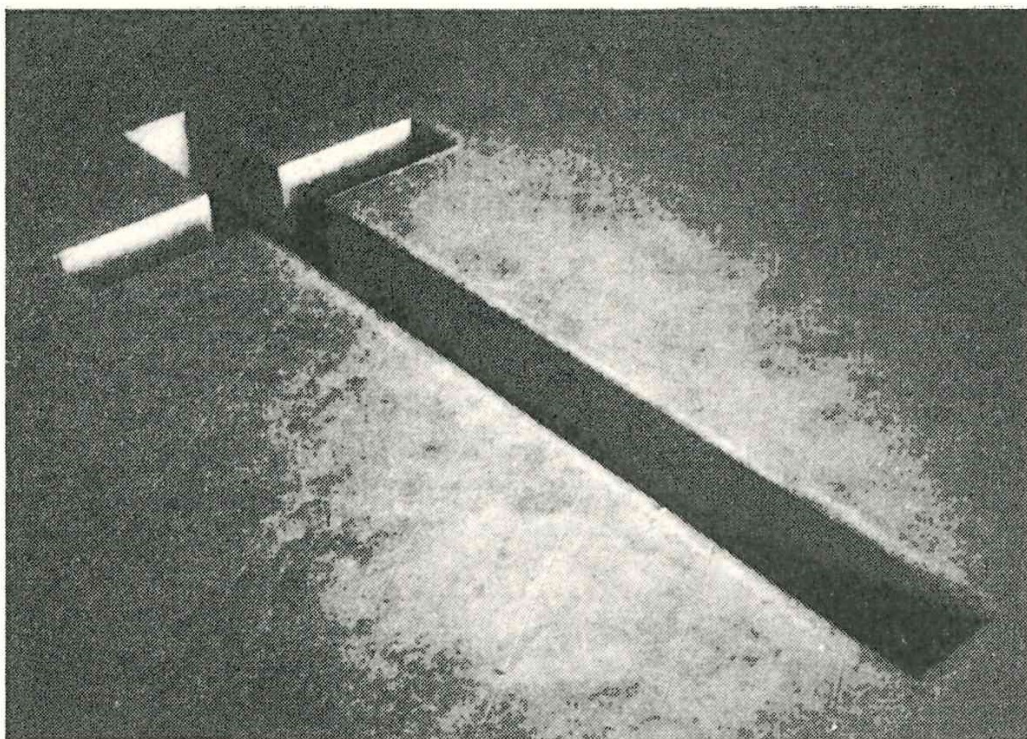


Fig. 6 — Grimancelos. Chão da capela de Santa Cruz, que «foi erigida para comemorar o aparecimento, no solo, de uma cruz», hoje cercada de cimento. Também em Balazar, Remelhe, Viatodos e Góios, nos lugares onde apareceram cruzes, se levantaram capelas que foram muito concorridas dos devotos. Dezembro de 1963.

Não tivemos forças, para resestir ás instancias do bom Gonçalves; e por tanto, feitas as despedidas, e reiteradas as promessas, de cêdo nos tornarmos a vêr, montamos, e precedidos do guia, partimos, em direcção da Franqueira. (Fls. 84 v.^o-85 v.^o)

☞ «Quazi no centro, d'uma circunferencia horizontal, de mais de 200 kilometros, pelo lado de terra, ou de norte a sul, pelo nascente, e sobre uma recta, que desde a altura dos mares da Galiza, até a barra d'Aveiro, se prolonga a mais de 100 kilometros, pelo poente, ou do lado do mar, o horizonte do qual se estende indefenido, está situado, como vês, o pincaro mais elevado do monte da Franqueira, em que nos achamos.

«Olha ao nascente; lá vês, no horizonte, os castellos de Cubida; assim chamados por sua particular configuração,

mas que não são mais, do que uma agglomeração de rochedos, assemelhando uma verdadeira fortaleza.

«D'ahi, tirando uma linha recta, de 30 a 35 kilometros á fóz do Cavado, lá encontras, fronteiros á barra, os em outras eras famosos cavallos de Fão, que são, como podes vêr, brancos penedos; a que de certo dariam aquelle nome, pela audacia, com que se lanção ao encontro das ondas, que parecem cavalgar, de collo altivo.

«Notavel coincidência destas duas fantasticas nomeadas, cuja origem se perde nos seculos! N'esses tempos, que hoje nos aparecem fabulosos, á vista do que foi, e do que é! Em que as altivas galeras da soberba Roma, então senhora agora escrava do mundo, vinhão demandar estas paragens, a procurar os thesouros, que lhes offerecia esta rica provincia!

«Quantas embarcações, de esquizita forma, vadeariam o nosso Cavado, o Celano dos antigos, hoje só preturbado em seu descanso, por algum mesquinho, e enfezado barco de pescador!

«Ali tens ao norte a baliza horizontal; é o môrro de Sancta Luzia sobre a cidade de Vianna do Castello, na fóz do Lima.

«A nord-este, na curva mais alem, as picôtas das serras da Nossa Senhora da Peneda, e cabana maior.

«Ao nascente as montanhas de Cubida, de Lindozo; em seguida as de São João de Rei, e as tão nomeadas do Gerez.

«Declinando do nascente a sud-este os montes do Fração sobre as ribeiras de Basto.

«Quazi ao sul as serras de sancta Catharina, sobranceiras á notavel Villa de Guimarães, hoje trocada a nobre categoria pela alcunha de «cidade».

«Ao sul, há, como vês, uma quebrada de montanhas, e lá muito alem, um pincaro elevado, de que logo te fallarei¹: e em seguida á mesma quebrada, os montes, alem dos quaes se estende a cidade do Porto.

«Ao poente, o ociano.

¹ É um dos [píncaros] mais elevados do teu Marão; (...) a doze leguas d'aqui... (Fl. 101)

«Dentro dos limites deste vasto horizonte, estão situadas tres cidades, quatorze villas, e mais de mil aldeias, e lugares notaveis; tudo povoado por mais de seiscentos mil habitantes, ou melhor diríamos, por mais de dous terços da população desta provincia.

«Vê essa vegetação tão luxuriante dos extensos valles, que se prolongão, por entre um sem numero d'outeiros, todos cultivados até o cume.

«Nóta a força e vigor desses arvoredos, que assombrão as encostas dos montes, que em defferentes direcções cortão todo esse terreno, que se nos apresenta á vista, e que por entre as suas cortinas de verdura nos deixa vêr as gigantescas massas de fino granito, pulando-lhe de todos os lados abundantes mananciaes de cristalinas aguas, que descendo das alturas, se vão reunindo, até se irem sepultar no occiano. (Fls. 89 v.^o-91 v.^o)

 Dirigi-m-nos para a residencia do Abbade; onde, passado algum tempo, nos foi servido um bom jantar, á portugueza antiga; isto é, do meio dia para a uma hora, grande terrina de sôppa de pão, um formidavel traço de optima vacca, presunto, e salpicão, cozido, lombo açado, frangos ensopados, optimo vinho verde, grande prato de aletria com ôvos e leite, doce de calda, e bellas fructas. Isto ainda se ressentia dos tempos dos Dízimos; o Abbade era bizarro, e como tal conhecido, me dizia Gonçalves; dá sempre bons jantares, na festa do Senhor, e do Sancto Padroeiro; era costume antigo, e o homem, ainda q. a renda agora é apoucada, não dá o braço a torcer; porem os freguezes são amigos d'elle, e elle faz o que quer com elles, e nada lhe falta; e merece-o, que é um homem ás direitas; eu não sou da freguezia d'elle, mas até o *quijemos* fazer do *Goberno*, *Diputado*, ou como quer que se diga, *maz-elle* açana á orêlha. (Fls.106-106 v.^o)

 ...o sino grande da Igreja, com amiudadas badeladas, chamava os fieis para acompanhar o Sacramento, a algum enfermo.

— É a uma pobre velhinha, que está para dár contas a Deos; nos disse o Abbade; permittão-me, côrra á Igreja.

Logo que presentimos, que o povo da aldêa se ia ajuntando no adro, dirigimo-nos ao templo. Era ja sol posto, e apenas os ultimos raios douravão ainda o cume dos montes ao Nascente.

No adro, agrupavão-se de um lado os homens, e d'outro as mulheres; e estas entoavão em melancolica canção a seguinte, que entre outras pude conservar na memoria, pela sua religiosa poesia =

«Sacrario aberto,
«Sahe o Senhor fora,
«A vizitar a alma,
«Que se vai embora.

Apenas appareceo, na porta principal do Templo, o seu Ministro, levando debaixo da umbella o Sancto Ciborio, cercado de algumas tochas de cêra e precedido da cruz parochial, religioso silencio se apoderou de todos, e prostrados adoramos o Sacrosancto Sacramento de nossos Altares. Logo que o Sacerdote se adiantou, seguiram todos o sagrado Viatico; e aquelle, emquanto durou o tranzito, entoava o seguinte versiculo —

«Bemdicto e louvado seja
«O Santissimo Sacramento da Eucharistia;

E o povo respondia em côro, a vozes=

«Fructo do ventre sagrado
«Da Virgem purissima Sancta Maria.

(...) O Rei dos ceos entrou enfim na choupana da pobre velha, que o esperava anciosa, mas com a serenidade de uma consciencia sem remorsos; que assim o indicava a fisionomia cadaverica, porem socegada da vélhinha, deitada em umilde cama, que as vizinhas tinhão enfeitado de alvos lenções, bem como todo resto do apozento, que todo estava forrado

de branco e adornado de singellas flores do campo, e de alecrim.

Descoberto o Sancto Ciborio pelo Abbade, e ao repetir este o = Domine non sum dignus = todos se corvaram, e a velhinha recebeo a Eucharistia; e findas as orações do estillo, todos se retiraram deixando cadaum o seu oblo á pobre moribunda.

Nós acompanhamos o digno Abbade á sua residencia, depois deste edificante acto; que, disse Constancio, se pratica, pela mesma forma, em todas estas aldêas, e com todas as pessoas, ou pobres, ou ricas, sem differença. (*Fls. 108-110*)

De Barcellos ao Solar dos Snr.^{es} d'Azevedo

— **M**AS, observei eu, qual das duas obras seria a primeira; a ponte [de Barcelos] ou as moendas [as azenhas edificadas junto dos arcos da ponte]? A pátena do tempo confundiu-lhe o aspecto.

— Tens razão; acudiu elle, porque, antes da factura da ponte, havia aqui uma barca q̃. dava passagem para a povoação, e a que chamavão *Barca cœli* — e de ahi talvez viesse o nome á Villa — e terás notado, e d'aqui para cima ainda hasde ter occasião de notar, que n'este rio, perto, ou junto de barca de passagem se encontrão sempre moendas; e então pode ser, que as Azenhas, coevas da barca, sejam mais antigas do que a ponte, que foi posterior á edificação das muralhas, com que o primeiro Duque de Bragança mandou cercar a Villa, segundo dizem; que eu sou fraco em antiguidades, e não posso, ou não estou habilitado, para lêr nas sombrias paginas do passado. (Fls. 141 v.^o-142)

 — Barcellos, me disse elle, é abundante de saborosas hortaliças, peixe do rio, e do mar, optimo pão trigo, boa carne de vacca, e muitos outros generos alimentencios, tudo de primeira qualidade, e a bom prêço: a sua população porem, que orça a mais de tres mil habitantes, não se dá a industria, que se torne recommendavel; a não ser a confeitaria

¹ Na 4.^a Jornada, cuja epígrafe é: *Das proximidades de Faria a Barcellos*, nada há que valha a pena transcrever.

das magnificas *laranjas de dôce*, de que se fas aqui algum commercio ¹.

A feira semanal, que aqui tem logar nas quintas feiras, é abundantemente provida, sobre tudo em cereais; a annual, no primeiro, segundo, e terceiro dia de Maio — dia de cruces — tem sido de grande nomeada; com tudo hoje acha-se em decadencia — dizem que, no dia tres, ja não aparecem as tantas cruces ², cujas figuras eram cercadas de pequenas pedras pelos rapazes, que de presente tem pouco a fazer —

Em outros tempos, ou em quanto subsestiu a antiga divisão terretorial, tanto o Concelho, como a Comarca de Barcellos tinham uma área extencissima, e a Caza de Bragança, que por ahi possuia avultadas rendas, tinha aqui a sua administração, montada em grande escala, e por tudo

¹ Fala tão-só da população da vila, mas é estranho que não chegue a fazer uma única referência às olarias que já então ocupariam, no concelho, umas boas centenas de pessoas. Sobre a pouca importância que à indústria cerâmica se attribua ver E. Lapa Carneiro, *Figurado de Barcelos. Da Inexistência de Peças Antigas* (Barcelos, 1963). — Ainda hoje se fabrica a especialidade da doçaria local mencionada por Gaspar Coutinho.

² Eram manchas negras «como pintadas», em forma de cruz, que apareciam à superfície do solo. Em Cima de Vila, então arrabalde de Barcelos, foi descoberta a primeira pelo sapateiro João Pires, no dia 20 de Dezembro de 1504, e sobre o local eleva-se agora o altar do Senhor dos Passos da igreja das Cruzes. Segundo as notícias de que disponho, o aparecimento de cruces no Campo da Feira (que corresponde aproximadamente ao antigo arrabalde) repetiu-se muitos anos, até ao séc. XIX, especialmente nos dias 3 de Maio e 14 de Setembro. Em 1932 havia quem afirmasse que ainda, por vezes, se renovava o prodígio. Foi testemunhado em 1638, 1648, 1707 e 1730. Em 3 de Maio de 1866 apareceram mais de dezanove cruces. O facto foi geralmente aceito como milagroso, mas houve quem o interpretasse como um «capricho da natureza», quem procurasse para ele uma explicação natural (Amaral Ribeiro), e quem lhe chamasse lenda (Fernanda de Matos Cunha). — «Nos dois dias do milagre» um capelão repartia pelo numerosíssimo concurso de gente a terra que formava uma das cruces que ficaram dentro do perímetro da igreja. Em 1866, o povo de Barcelos fazia «acercar [as novas cruces] de tablados e uma luz por toda a sua duração, que em algumas se estende a 5 anos». — Idênticas cruces foram descobertas depois em outros pontos da vila (agora cidade) e das aldeias: Balazar (em 1832), Remelhe (em 1842?), Viatodos (em 1843), Góios (no séc. XIX), Grimancelos e, suponho, Serzedelo, concelho de Guimarães. — Ver: *Capricho da Natureza*, in «O Comércio do Porto», 8-5-1866; A. M. do Amaral Ribeiro, *Noticia Descrip-*

isto, eram immensas as pessoas empregadas; que bem poderia dizer-se, que á excepção de raros proprietarios, toda a população tirava o sustento, ou dos empregos, propriamente ditos, ou do que, com estes, tinha relação. Hoje pela nova divisão terretorial, reforma judicial, e deminuição na administração da Caza de Bragança, a terra pode dizer-se pobre. (Fls. 144 v.º-145 v.º)

 Sahindo de Barcellos, caminhamos pela margem direita do rio, que apresenta os variados contrastes de extensos areais, ou de rélva tapetando as raizes de frondosas arvores; ora o silencio, ora as cantilênas das gentes, que concorrem ás moendas, de que o rio abunda, em toda a sua extensão; como ja por vezes tenho repetido. (Fls. 146-146 v.º)

 Lá vêz a barca de passagem — e junto d'ella umas Azenhas, como de costume — que se intitula ainda, *o barco de Villar de Frades*, que assim se chamava o lugar, em que era situado o convento, e cerca: passaremos n'esse barco; que perto, e na margem esquerda, mora um meu conhecido pescador, a quem o Teixeira deve ja ter prevenido, para nos ter prompto um pequeno barco, ou batel, como costumão chamar-lhe, e n'elle passaremos a *Furada*¹, que é um outro

tiva da Muito Nobre e Antiga Villa de Barcellos, 2.^a ed. (Barcelos, 1867); *Festas de Cruzes*, in «Regenerador-Liberal», I ano, n.º 46 (Barcelos, 1-5-904), p. 1; J. Mancelos Sampaio e Augusto Soucasaux, *Barcelos. Resenha Histórica-Pitoresca-Artística* (Barcelos, 1927), pp. 59-63; Fernanda de Matos Cunha, *Notas etnográficas sobre Barcelos* (Porto, 1932), pp. 28-29 e 98; Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, vol. I (Barcelos, 1948), p. 154, e vol. II (Barcelos, 1948), pp. 196, 203, 318-319 e 376; P.º Leopoldino Rodrigues Mateus, *Santa Eulália de Balasar*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I (Póvoa de Varzim, 1958), p. 187, e vol. II (1959), pp. 7 ss.; *O Milagre das Cruzes*, in «Jornal de Barcelos», n.º 734 (Barcelos, 30-4-964), p. 14.

¹ A descrição da paisagem que se observa da Franqueira, transcrita algumas páginas atrás, e esta que aqui começa, sendo, como são, *amostras* da natureza, não ficam deslocadas neste caderno. O austero e sombrio trecho do Cávado de que Gaspar Coutinho nos dá uma imagem nas palavras que se seguem tem como limites, a jusante, a central da Penida (na freguesia de Areias de Vilar, margem esquerda), e, a montante,

dos contrastes do meu Cavado, e te hade impressionar. Não julgues, porem, que vais atravessar *Túnel* do Tamiza, ou buraco feito por satanaz, em noite de *sabatina*, em congresso de demonios e feiticeiras; pelo menos hoje, não aparece *furo* algum, como parece indicar o nome: é um pequeno monte fendido transversalmente quasi a prumo, na altura de mais de cem metros, e que o Cavado atravessa em deziguais zig = zags: até parece, que talvez, em remotas éras, haveriam n'aquelle sitio *obras d'arte*, pelas muitas pedras, espalhadas no quasi imperceptível declive d'aquella magestosa fênda, que pela forma d'ellas, julgariamos afeiçoadas por mão d'homens. Outros crêem, que o monte era unido, e que o rio passava, por uma caverna de toda aquella extensão, que terá pouco menos de um kilometro de comprimento, e que as grandes enchentes do Cavado foram minando, e desfazendo, até se abrir, e abater a abobeda natural. (...)

Tendo passado no barco de Villar, para a margem esquerda do rio, descemos a uma basta campina d'arêas, que, amontuadas em face da fenda, d'onde desemboca o rio, lhe *barrão* a corrente, que se escapa pela direita, por de baixo de um salgueiral, como que envergonhada da sua pouca força, para vencer um obstaculo de movediça arêa: porem, segundo me disse Constancio, isto succede agora, em agoas mortas;

o ribeiro da Labrioste, onde se encontra instalado o moinho de vidro que serve as olarias da região (freguesia da Pousa, também na margem esquerda; ver João Macedo Correia, *As Louças de Barcelos*, Caderno de Etnografia n.º 4, p. 18, e figs. 5 e 6, e ver também a carta incluída no Cad. de Etnografia n.º 5). Tem na verdade cerca de 1 km de extensão, e os topónimos Furada (ou Afurada?) e Penida, se este significa o que julgo (estou-me a lembrar de «serra da Peneda»), são bem merecidos. — A construção (em 1893?) do açude da central originou, a montante, a subida do nível das águas; não obstante isso, Gaspar Coutinho deve ter exagerado quando calculou que as escarpas teriam de altura mais de cem metros. Imagino que ele se deixou enganar pelo efeito que os alcantis oferecerão quando olhados de baixo para cima. — Do raro fenómeno de acústica descrito não ficou, que eu saiba, outra memória, pois mesmo ali pelas redondezas parece que não há quem dele se lembre. Terá deixado de se produzir com a elevação do nível das águas, e com quaisquer prováveis obras de alargamento da madre do rio? — Trata-se, sem dúvida, de uma experiência própria de caçador.

pois quando as fortes enchentes engroçam o rio, sahe elle do apertado canal, com tal impeto, e fragor, que galga por cima de tudo, e em todos os invernos obriga a desalojar as amontuadas arêas, e muda a configuração ao grande areal.

— Não iremos por diante, sem te contar a lenda deste espaçoso sitio; me disse Constancio. Reza a historia; que em remotos tempos, esta grande bacia d'arêas, que tu vês cercada de verdejantes amieiros, salgueiros, e alguns frejos ¹, era uma espaçosa Quinta de um grande e rico senhor destas cercanias, que applicava todo o rendimento della exclusivamente para o sustento das immensas matilhas de cães, com que despovoava de caça todos estes arredores, e que de resto só servião de arredar, das portas de seu castello, os pobres, que a elle recorressem, e fillavão as desgraçadas donzellas, que por acazo por alli passassem, e as conduzião a seu libidonoso amo: e quando este, na hora extrema, ia assignar seu testamento, em que ordenava a seu herdeiro, continuasse a dár a mesma applicação aos rendimentos da Quinta, que legava a seus cães, o Cavado, por ordem do céo, arremeçára da Furada, com tal porção d'arêas, que d'ellas alastrou todo esse espaço, que occupava a Quinta; e por mais deligencias, que fizeram, nunca conseguirão desembaraçal-a d'ellas. Eis ahi a historia, a moralidade applicarlha-has tu.

No fim do grande areal, e junto da fenda, *ou Furada*, de que fallamos, esperava por nós o pequeno barco, *ou batel*, em que entramos, com dous remadores, levando cada um sua comprida vara, para impelir e dár direcção ao barco (...)

Entramos na estreita garganta. Aquelle navegar entre dous *quazi muros* alcantilados, descobrindo apenas as nuvens, que, toldando o azul dos céos, se me afiguravão o tecto convexo da estreita abertura, por onde nos tínhamos entrado; as pedras quadrilongas, que parecião suspensas sobre nossas cabeças, e prestes a cair sobre o fragil baixel, que nos conduzia; as desencontradas saliencias do estreito, que nos ião tapando a marcha pela frente e retaguarda; o silencio sepulcral, só interrompido pela monotona carreira

¹ Freixos?

do barco, que ora deslizava, como *ciciando*, por sobre a dormente superficie do remanço das agoas, ora apenas *regor-gorejava*, cortando a crespia corrente, que se escapava do recontro, que topára nos angulos salientes do canal; a raridade, em fim, do espectáculo; tudo me impressionava a ponto, que não proferia uma só palavra: e ainda mais, a muda atenção de Constancio quasi que me fez mêdo! O meu amigo, conhecendo, que eu ia impressionado, disse-me que dezejava deixar-me todo entregue á sensação, que me devia cauzar esta *estrada* de bruxas, e até queria provar a minha coragem: porem, acrescentou, vejo que não vais *a ton aise*, como diriam os nossos afrancezados; cobra animo, acredita que não há perigo de qualidade alguma: se fora no inverno, quando a corrente dá por ahi *salto de truta*, não seria possivel aqui passar, nem haveria força ou geito que impelisse o barco, sem que este fosse visitar-lhe o fundo; porem agora nada temos a recêar: se o canal fora em linha recta, as agoas adquiririão uma corrente violenta, entrando apertadas n'esta estreita garganta, porem os desencontrados angulos das *paredes* do canal quebrão-lhes as forças, e vê, como dormem, por detrás d'aquelles, em socegados remanços; onde descansão os plangentes brados da saudoza Nimpha, a quem tu, se foras Narcizo, terias poupado o triste fadario: porem não passaremos ávante, sem que a obriguemos a saudar a rara visita, que por aqui costuma receber.

Ó Teixeira, faz fogo, na direcção do rasto do barco, que o amigo Antonio vai fazer parar, junto do fronteiro angulo.

Apenas partiu o tiro, cujo som parecia sahir debaixo d'agoa, a detonação foi morta, e abafada; porem bem depressa repercutido, pelos angulos do zig = zag, que tinhamos precurrido, os éccos repetirão uma como descarga de fogo, por fillas, de um pelotão d'infantaria; e depois outra e outra, e assim por muito tempo, mas sempre deminuindo: e quando eu julgava, terião finalisado, os éccos, retrocedendo, trouxeram a nossos ouvidos um estampido tão valente, como o primeiro; e outra nova pausa, susurrando apenas, como trovão longinquo, me fez convencer, de que tudo tinha finalisado; porem, ainda desta vez foi desabusada a minha inexperiencia, porque mais duas ou tres vezes, se repetiu o phenomeno, e se extinguiu em fim n'um ultimo e pauzado arranco.

Era magnifico; era na verdade surprehendente; e eu pedia a Constancio fizesse repetir *a scena*: porem, ja tinhamos passado o sítio, em que a natureza concedera ao homem, o poder de despertar de seu somno secular os éccos, que descansão n'aquellas paragens: o somno era pezadissimo, e por mais que os dezafiamos, com repetidas descargas da clavina do Teixeira, a nada se moveram; e parecia, que só sonhando, respondião, com desdem, a nossos profiados desafios.

— Não te cances, me disse Constancio, passamos o magico ponto; só voltando a elle, poderíamos fazer effeito, sobre sua surdez; e é tarde para retroceder.

Navegamos: e em breve tocamos a entrada superior *do estreito*. Que impressão me não cauzou o espraído da situação, em que entravamos! Pouco mais ainda navegamos, e os logarejos das aldêas, vizinhas do rio, se offerecião á nossa vista, como que vindo festejar o nosso surgir de um mundo desabitado! (*Fls. 147-152*)

SEXTA JORNADA

De Azevedo ao barco da Graça

PARTIMOS: e em breve chigamos ao barco da Graça. O dia estava calmoso (...) descançamos á sombra fechada de uma frondosa carvalheira, quasi proxima da agoa, em sitio um pouco elevado da margem do rio, e d'onde se descobre a pequena bacia, que ali forma o Cavado, muito circumscripção, mas que é realçada tanto pela continua passagem das gentes, que no barco atravessão o rio, para ganhar a estrada, que derige a Braga, como pela afluencia das que entrão e sahem de umas Azenhas, que lhe ficão inferiormente proximas. Na margem direita, e molhando os alicerces nas agoas do rio, veem-se umas cazas de bõa apparencia, com barandas de pedra ao lado, ou terraços cobertos, em colomnellas de pedra; e uma Ermida.

— Este barco de passagem, disse Constancio, e essas magnificas moendas, eram do extincto convento dos frades Bentos de Tivães, para quem rendião um bom pár de centos de mil reis: e as cazas, que nos ficão em frente, tambem pretenciam aos mesmos frades; e era aonde alguns d'elles vinhão passar, o tempo a que elles chamavam = *brevia* = isto é, vinhão distrahir-se aqui nos *breves momentos*, que os estudos, e obrigações, aque estavam sujeitos, lhes permittião, ora na pesca, ora na conversação das pessoas amigas, que ali sempre os acompanhavão, a passar algumas das tardes da estação calmosa. Hoje, tudo isso está em mãos, de quem não quer aproveitar-lhe as bellezas. (*Fls. 156-157*)

 ...e entramos na caza de Fr. Matheus, que nos apresentou a sua irmã; a qual, como viuva que era, vestia saia de chita preta, chaile de lãa, e lenço de seda na cabeça, tudo da mesma côr: recebeo-nos com afabilidade, e disse a Cons-

tancio, que muito se alegrava de o vêr, pois ja o conhecia do tempo do *defuncto* — assim é costume dizer, quando se falla do chefe da família, depois de finado. — Desculpou a auzencia do filho, que tinha ido ao Porto, a cuidar de uma demanda de serventia d'agoa, porque a parte era forte, tinha muitos empenhos, e dinheiro, e era mister não dezamparar a cauza, que tinha obtido a favor a primeira sentença. E bem sabido é, acrescentou Fr. Matheus, que, na provincia do Minho, e particularmente por estes sítios, apesar de tão proximos do rio, são as agoas, o que maiores cuidados suscitam, e o motivo, que poderia dizer-se, quazi que exclusivamente envolve em pleitos as famílias agricultoras.

A dona da caza incumbiu seu irmão de nos fazer ir descansar, e *tomar alguma coiza*.

A caza era o typo, das que me tinha descripto Constançio; era a de um verdadeiro proprietario destas localidades; d'aquelle, que prezidindo aos trabalhos d'agricultura, não se occupa braçalmente n'elles, manda fabricar as terras — como dizem — por criados e jornaleiros. Tinha ella a frente caiada, algumas das janellas envidraçadas, cume e beiral dos telhados assentes em cal, com pombinhas de barro nas extremidades¹: subia-se, por uma escada de pedra, junta á parede da fachada exterior, para a sala *de receber*, pintada de branco,

¹ Seriam ornatos idênticos aos que se encontravam nos Açores, e a que Leite de Vasconcelos se referiu (*Mês de Sonho*, Lx.^a, 1926, p. 40)? Penso que as *pombinhas* de Padim da Graça (parece que nesta freguesia se situaria a casa que Gaspar Coutinho descreve aqui) estariam antes colocadas nas *extremidades* das cumieiras, e não seriam estilizadas. Ainda hoje, por todo o Minho, aparecem ornatos semelhantes: pombas, águias, etc.. De há poucos anos a esta parte, nas redondezas de Barcelos, utiliza-se também, por vezes, para esse efeito, o policromado galo. Margarida Ribeiro (*Algumas palavras sobre o Museu Regional de Cerâmica*, in «Jornal de Barcelos», 2-5-1963, p. 3) alude a peças de estatuária satírica que «não são de ir à feira» e «ficam pela vizinhança e pelos telhados» das aldeias onde vivem os oleiros ou os barristas que as fabricam. O emprego desses ornatos com tal intenção, se bem que muito raro e circunscrito, pode-se talvez filiar na attitude que levava os architectos e os canteiros dos séculos XV e XVI a utilizar gárgulas e outras esculturas satíricas em manifestações de vindicta. A matriz de Caminha, a sé da Guarda e, segundo a tradição, o solar dos Pinheiros em Barcelos disso nos fornecem exemplos.

com barras amarellas e salpicos vermelhos, *adornada* de bancos d'incosto, algumas cadeiras de pau castanho, ou cerdeira, colocadas pelo meio da sala, uma meza coberta de chita; a um canto algumas castanhas, a secar a uma restea de sól, que entrava pela janella; e umas galinhas, que fugirão á nossa entrada: o resto da caza condizia com a sala principal. O quarto de Fr. Matheus era decente, e denotava, que aquelle, que o habitava, tinha vivido, por muito tempo, fora do acanhamento, e desaranjo dos outros apozentos: era este espaçoso e limpo, com vista sobre o pomar; e adornava-o uma estante com poucos, mas escolhidos livros, e um retracto, a buril, do beneditino Fr. Francisco de San Luiz ã. morreu Patriarcha de Lisboa. (*Fls. 159 v.º-161 v.º*)

Índice Alfabético de Assuntos

- Açude-10.
agricultura-17, 19-20, 20-21, 22, 26, 44.
águas de rega (serventia de)-22, 44.
alcunhas-16-17.
alguidar-28-29.
alimentação-26, 30, 33.
almofia-28-29.
amuletos-28.
ancovo-10.
areal de Gaíde-39-40.
arreios-30.
azenhas e moinhos de água-10-16, 36, 38, 43, e fig. 1.
- Balseiros-17.
Barca do Lago-9.
barcas de passagem e outras embarcações-9, 36, 38, 40, 43.
Barcelos-36-38.
- Cabana Maior (serra de)-32.
cantigas-17, 21, 34, 38.
casas-22, 25-26, 28, 43, 44-45.
caseiros-21.
Castelos de Cubida-31, 32.
Cávado-9, 38-42.
Cavalos de Fão-32.
ceifa do maíz-20.
cerâmica-6, 25, 28-29, 44, e fig. 5.
cerimonial de recepção de visitas-24-25, 44.
classes sociais-21-22, 44.
confeiteira-28-29.
cortesias-11, 23-25.
- costumes (mudança dos)-17-19, 20, 30-31.
crenças e práticas mágicas-28-29.
culinária-30, 33.
- Demandas judiciais entre lavradores-44.
ditados-18, 28.
doçaria-33, 37.
- Eido-22.
eira-22.
engenho de pesca-16.
estada-6.
- Família-26.
feira de Barcelos-37, e figs. 4, 5.
Fragão (montes do)-32.
Franqueira (paisagem que se observa da)-31-33.
frutas (sua classificação)-20.
Furada-38-42.
- Gerez-32.
- Homem. Índole do habitante das margens do Cávado-18-19.
hospitalidade-23-25.
humildade (modos convencionais de exprimi-la)-12, 24.
- Iluminação-26.
- Lavradores-21.
lenda do areal de Gaíde-40.

- Marão-32.
 milagre das Cruzes-37-38.
 mobiliário-25-26, 28-29, 45.
 moinhos de água-10, 16.
 moleiros-10-16.
 morgados-22.
- Paisagem-17, 31-33, 38-42.
 Peneda (serra da)-32.
 pesqueira-10, 16, e fig. 1.
 pombinhas-44.
 população de Barcelos (em que se ocupa)-36-38.
 práticas mágicas-29.
 propriedade rural-22.
- Quinteiro-22.
- Refeições dos vindimadores-26.
 rega (serventia de águas de)-22, 44.
 religião-28, 33-35, 37-38, e fig. 6.
- ritos de passagem (morte)-33-35.
 roupas de casa-26, 29.
- Santa Catarina (serras de)-32.
 Santa Luzia (monte de)-32.
 São João de Rei (montanhas de)-32.
 Senhor Fora-33-35.
 sopeira-28-29.
 suplicar (modos de)-12.
- Trabalhadores-21.
- Vestuário feminino-14, 21, 24-25, 43, e figs. 2, 4, 5.
 vestuário masculino-11, 20-21, 23, 25, 27, 28.
 Viático-33-35.
 videira de enforcado-17.
 vindimas-17, 20-21, 26.
 virtudes e vícios do homem da região do Cávado-18-19.

CADERNOS DE ETNOGRAFIA

OS NÚMEROS ASSINALADOS COM UM ASTERISCO DEVEM CONSIDERAR-SE ESGOTADOS

PUBLICADOS:

- 1 * Museu Nacional e Museus Regionais de Etnografia, *pelo Prof. Doutor Jorge Dias.*
- 2 Ritos de Passagem (Entre o Airó e o Cávado), *por F. Lopes Gomes.*
- 3 * Princípios Basilares das Ciências Etnológicas, *pelo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira.*
- 4 * As Louças de Barcelos, *por João Macedo Correia.*
- 5 As Barcas de Passagem do Cávado, a Jusante de Prado, *por Adélio Marinho de Macedo e José António Figueiredo.*
- 6 Curiosas Informações Sobre Usos e Costumes nas Margens do Cávado, em 1850, Contidas num Ms. Inédito. *Seleção de Clotilde Cunha Leitão.*
- 7 As Olarias de Prado, *por Rocha Peixoto.*

A PUBLICAR:

- A Tecelagem Caseira em Roriz, *por Manuela Fernandes Simões.*
- Ex-votos do Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Balugães, *pelo Dr. Carlos Lopes Cardoso.*
- Figurado de Barcelos. Sobre um Dito Atribuído a Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, *por Eugénio Lapa Carneiro.*
- Alguns Bailes e Comédias. Teatro Popular do Baixo Minho, *por Feliciano Lopes Gomes.*

biblioteca
municipal
barcelos



9404

Curiosas informações sobre
usos e costumes nas margens do Cávado